



Sociedade Brasileira
de Psicologia Jurídica

Apoio



SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA JURÍDICA
www.sbpj.org - sbpj@sbpj.org
Rua Mostardeiro, 120/1002 - Moinhos de Vento
Porto Alegre / RS - Brasil
(51) 3026.8613



Sociedade Brasileira
de Psicologia Jurídica

II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL IGUALDADE PARENTAL NO SÉCULO XXI REFLETIR E AGIR EM PROL DA PARENTALIDADE

O DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Dr. Jorge Trindade (Presidente da SBPJ)

Dra. Fernanda Molinari (Vice-Presidente da SBPJ)



IGUALDADE PARENTAL
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A IGUALDADE PARENTAL
E DEFESA DOS DIREITOS DOS FILHOS

Coimbra, junho de 2013.

Referências Bibliográficas

DIAS, Carlos Amaral. *A Bondade e o Perdão*: ensaio psicanalítico sobre algumas qualidades do bom objeto interno. Coimbra: Escher, S.A. 1987.

DRUMOND, Carlos (de Andrade). *Alguma poesia*. São Paulo: Edições Pindorama, 1930.

GREEN, André. Citado por: FIGUEIREDO, Eurico. In: *No reino de Xantum. Os jovens e o Conflito de Gerações*. Porto: Edições Afrontamento, 1985.

PÉGUY, Charles. Escritor, poeta e filósofo francês (1873-1914). A fábula no contexto aqui utilizado aparece em CYRULNIK, Boris. *El amor que nos cura*. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 2005.

PESSOA, Fernando. *Obras completas*. Mensagem, I Parte. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.

TRINDADE, Jorge. *Manual de Psicologia para operadores do Direito*. 6ª edição. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012.



II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL IGUALDADE PARENTAL NO SÉCULO XXI REFLETIR E AGIR EM PROL DA PARENTALIDADE

O DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Dr. Jorge Trindade (Presidente da SBPJ)

Dra. Fernanda Molinari (Vice-Presidente da SBPJ)

Coimbra, junho de 2013.

familiar não repitam o abandono com a próxima geração, porque, conhecendo a dor da falta de convivência familiar, também se torna possível compreender a necessidade de amar e ser amado. Há uma catedral e uma luz no meio do caminho... Nesse aspecto - repita-se - é necessário que o direito devolva a palavra ao afeto. Ou, como disse Antonio Gedeão, *“Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida. Que sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança”*⁷.

JORGE TRINDADE



Pós-doutorado em Psicologia Forense. Livre docente em Psicologia Jurídica. Doutor (*PhD*) em Psicologia Clínica. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Técnica de Lisboa. Especialista em Psicologia Jurídica. Graduado em Direito e Psicologia. Professor Titular na Universidade Luterana do Brasil. Presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica. Diretor do Rio Grande do Sul da Associação Brasileira Criança Feliz. Diretor do IBDFAM.

FERNANDA MOLINARI



Advogada. Psicanalista Clínica (em formação pela Sociedade Sul Brasileira de Psicanálise). Doutoranda em Psicologia Forense e do Testemunho pela Universidade Fernando Pessoa (Porto). Especialista em Direito de Família e Psicologia Jurídica. Mediadora de Conflitos pela CLIP. Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica. Diretora do Rio Grande do Sul da Associação Brasileira Criança Feliz. Diretora do Instituto Brasileiro de Direito de Família - IBDFAM.

⁷ GEDEÃO, Antonio. *A pedra filosofal*. 1996.

encontra um segundo homem que também se dedica ao trabalho de quebrar pedras. Observa, porém, que seu rosto é sereno e harmonioso, e, ao ser questionado, responde que aquilo não é exatamente o que gostaria de fazer, mas ao menos é um trabalho ao ar livre, e isso o agrada, além de ser um meio de conseguir levar sustento seguro e honesto a sua família. Mais adiante, seguindo sua caminhada, encontra um terceiro homem a quebrar pedras, mas esse parece radiante de felicidade. Sorri a cada golpe que desfere contra a rocha, e, ao ser perguntado sobre o que está fazendo, logo responde: eu? Eu estou construindo uma catedral!

Não há dúvida alguma que todos nós iremos quebrar pedras na trajetória da vida. Porém, quem carrega uma catedral na cabeça transforma o sentido da pedra e acede ao enlevo e à beleza (Cyrulnik, 2005) que possui a imagem de uma catedral. Entretanto, enquanto alguns constroem uma catedral, outros só conseguem ver a pedra que existe no meio do caminho. “No caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no caminho” (Drumond)⁶, mas tinha também uma luz que vinha do caminho do coração.

A atribuição de sentido - que passa e perpassa pelo que é sentido - é pré-requisito indispensável para dar morte aos traumas de uma infância carente de convivência familiar amorosa. Onde e quando a criança não consegue deslumbrar um sentido, a infância se perde e fica convertida em mero relato. Porém, quando a vida é re-significada, e outro sentido se torna possível, logo se descobre porque foi preciso vivê-la (Cyrulnik, 2005). Descobre-se também a importância de que as crianças privadas da convivência

⁶ DRUMOND, Carlos (de Andrade). *Alguma poesia*. São Paulo: Edições Pindorama, 1930.

O Direito à Convivência Familiar

Jorge Trindade
Fernanda Molinari

Saudação de abertura

É uma grande alegria ocuparmos esse espaço de intercâmbio e aprendizagem. Gostaríamos que as ideias que esboçamos aqui despertassem sua motivação e interesse, e, pelo menos, que uma das nossas palavras pudesse ser especial e tocar o coração de cada um de maneira que saíssemos com alguma ideia ou sentimento novo.

Desejamos, por fim, que todos tenham uma excelente Conferência!

1. Introdução: O Registro Psicológico

Do ponto de vista psicológico, a convivência familiar ocupa, por qualquer referencial teórico que se adote, desde a psicanálise clássica até o moderno neuro-cognitivismo psicológico, papel igualmente fundamental para o desenvolvimento emocional saudável da criança.

Como refere André Green, a família é (...) o espaço trágico por excelência, porque os nós do ódio e do amor são nela os primeiros em data e importância¹.

¹ GREEN, André. Citado por: FIGUEIREDO, Eurico. In: *No reino de Xantum. Os jovens e o Conflito de Gerações*. Porto: Edições Afrontamento, 1985, p. 31.

As crianças privadas de afeto nos primeiros anos de vida são altamente vulneráveis para desenvolver a Síndrome de Depressão Anaclítica: seus olhos perdem o brilho, ficam opacos; fitam o nada, miram o infinito; não conseguem crescer e seu peso fica inferior à média, mas principalmente não conseguem responder ao gesto de entrega e de apego. Não aprendem a se entregar, porque têm medo de não serem acolhidas, de serem rejeitadas. Essas crianças tornam-se excessivamente tristes, sisudas, sérias, adultos seriopáticos. Elas ficaram privadas, tanto da satisfação essencial a que se refere o princípio do prazer, quanto do princípio da realidade, mas, sobretudo, devido às experiências privativas de afeto, não conhecem o sentimento de alegria.

A semiologia da falta de convivência familiar se expressa em uma criança solitária e medrosa. Uma criança que não interage com seus iguais e muito menos com os diferentes, incapacitada de acessar o mundo da ludicidade. Ela não saberá brincar, nem contar histórias.

A criança que tem convivência familiar se diverte e brinca com tampinha de garrafa, com bola de pano, com apito de taquara, porque o afeto que recebe é tranquiliza-dor e transforma-dor. Ela simboliza a partir de qualquer objeto e dá sentido ao lúdico.

Longe do mundo dos afetos todos os objetos perdem a correspondência semântico-afetiva. Os objetos sem pai e sem mãe ficam destituídos de sentido emocional. Todos se tornam cinzentos, sem a tonalidade dos afetos. Nenhum IPOD, IPAD, ou qualquer dos mais extraordinários brinquedos inventados pela

Hoje sabemos que aqueles que padeceram de um trauma afetivo primordial na infância obtêm grandes benefícios ao realizar o trabalho interior de reconstrução de vínculos. Em outras palavras, isso significa precisamente proceder a uma re-significação de sentido *a posteriori*, embora a maneira com que se continua a impactar os fatos guarde relação com a ferida que ficou gravada na história. Em todos os aspectos, na convivência familiar dos primeiros anos de vida ou, na sua impossibilidade, naquele que ainda poderá acontecer dos anos posteriores, não há atividade mais íntima e evoluída do que o trabalho de re-atribuição de sentido.

As carências afetivas da convivência familiar havidas na infância fazem um eco nas representações simbólicas posteriores de modo que esse sentido, ou melhor, esse *não-sentido* - que por si só carrega um sentido, o abandono -, persiste como pano de fundo na saga da existência.

6. Segunda Conclusão: a fábula de Péguy

Para simbolizar essa realidade, cito de memória a fábula de Charles Péguy⁵. Indo ele em direção a Chartres, no interior campesino da França, encontra na estrada um homem que, com um pesado machado, se encontra a quebrar pedras. Ao ser indagado o que ele está fazendo, o homem, com uma pesada expressão de raiva no rosto lhe diz: é o trabalho que me restou, pois nada consigo da vida senão quebrar essas duras pedras. Mais adiante, Péguy

⁵ PÉGUY, Charles. Escritor, poeta e filósofo francês (1873-1914). A fábula no contexto aqui utilizado aparece em CYRULNIK, Boris. *El amor que nos cura*. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 2005, p.32.

tudo que nos rodeia, o mais íntimo de nós mesmos.” É justamente no entreter da convivência familiar que se tece esse mistério.

Entretanto, se isso parecer muito abstrato e necessitarmos de evidência empírica, como Tomé sobre as chagas de Cristo, basta evocar a ciência para verificar que, se não tivermos reforços de amor na infância, os sistemas de serotonina do nosso cérebro não se desenvolvem adequadamente. A falta de convivência amorosa na infância afeta os processos neuropsíquicos, gerando formações depressivas e um sistema nervoso simpático hiperativo. Ao contrário, quando uma pessoa cresce em uma família amorosa, sua capacidade para tolerar sentimentos dolorosos é extremamente alta.

Até hoje tem sido difícil explicar para as estruturas sociais e políticas que a carência afetiva na infância conduz a patologias do afeto como também a comportamentos antissociais e delinquências na adolescência. A carência do convívio familiar amoroso compromete o desenvolvimento psíquico, social e mesmo físico, mas principalmente subtrai da criança a capacidade de atribuir sentido.

A carência afetiva dos primeiros anos de vida torna a criança um ser agonizante. Para superar essa falta básica em seu desenvolvimento é necessário realizar um longo trabalho de re-atribuição de sentido. Não esqueçamos: o sentido passa e perpassa pelo que é sentido.

5. Primeira Conclusão: a necessidade de re-significar as experiências de privação

tecnologia, conseguem suprir a falta da convivência familiar, a carência de afeto e de carinho proveniente da constelação primária que fracassou na transmissão inaugural do amor, e que não depende de nenhuma outra qualidade que não seja a sua incondicionalidade.

2. O avô de Saramago

A propósito, José Saramago contava que a pessoa mais sábia que conheceu na vida era analfabeta: seu avô paterno, um criador de porcos da aldeia onde nasceu. Esse homem, que não sabia nem ler nem escrever, foi quem lhe ensinou tudo sobre literatura, porque lhe contava histórias. Histórias sobre o céu e sobre as estrelas, sobre lugares distantes que sequer conhecia. Quando seu avô intuiu a proximidade da morte, vestiu-se a rigor, saiu para o pátio, abraçou as árvores, as flores e os animais, despedindo-se da natureza, depois se deitou na cama, e fechou os olhos para sempre. Foi esse criador de porcos que lhe ensinou o sonho, a ilusão, a fantasia, e o amor. E, desde a Caverna, o oleiro amassa esse barro de que é feito o homem. Esse é o mito, é o *nada que é tudo*, de que igualmente fala Fernando Pessoa².

Se a criança não tiver a possibilidade de convívio familiar (pai, mãe, irmãos, primos, tios, avós, vizinhos, amigos...), ela não chegará a ser criança no sentido pleno dessa etapa psicossocial imprescindível para o desenvolvimento humano, nem, depois, um adulto de verdade. Será sempre qualquer coisa só pela metade, alguma coisa entre. “*Sou o intervalo entre o*

² PESSOA, Fernando. *Obras completas*. Mensagem, I Parte. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986, p.6.

que desejo ser e o que os outros fizeram de mim. Ou metade desse intervalo, porque também há vida. Sou isso, enfim...³”.

Quanto muito, mais tarde, um adulto sisudo, pesado, torporizado, incapaz de amar e ser amado, o que mantém o círculo vicioso da incompletude.

3. O sentido passa pelo que é sentido

É da convivência familiar que nasce a possibilidade de fazer transitar os afetos, a troca de carinho, os gestos, os símbolos e os sinais amorosos. O afeto familiar é o primeiro instaurador de sentido próprio e do mundo. Para uma criança amada, uma coisa nunca é somente uma coisa. Um toco de madeira pode se transformar em um aviãozinho, em um submarino, em uma espada ou em um carrinho de corrida, em qualquer coisa, porque a sua imaginação criativa é atributiva de significados. O sentido passa e perpassa pelo que é sentido. Se não é sentido, então não tem sentido.

É justamente o afeto das primeiras relações da criança no seio familiar que atribui sentido a todas as coisas. Nesse aspecto, é necessário que o direito devolva a palavra ao afeto. Na origem, está o afeto que, quando não pode ser expresso como um sentimento amoroso ou odioso, encarna na forma de palavra. Por isso é urgente devolver a palavra ao afeto.

³ Pessoa, Fernando. *Obras completas*. Poesias de Álvaro de Campos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p.347.

Adultos perturbados, emocionalmente comprometidos, são sempre pessoas com convivência familiar danificada, sujeitos que não se reconciliaram com sua infância, que não conseguiram perdoar seus pais, pais simbólicos, internos e eternos, que não irão morrer nunca!

Esse é o peso que nos empurra para a doença e para a dor.

4. A Bondade e o Perdão

A bondade e o perdão, provavelmente, farão parte das asas que nos esperam quando finalmente conseguirmos ser livres (Dias, 1987).

Na família, a intersubjetividade é lei, porque é na convivência familiar que se funda, pela vez primeira, a possibilidade do encontro com o outro, o estar-com (*mitsein*), a relação eu-tu (Martin Buber).

Aquele que faltou ou foi privado desse encontro original, dessa ontogênese essencial, não será capaz de encontrar a bondade e o perdão - sintomas reveladores do triunfo do amor sobre o ódio - que são os paradigmas da saúde mental e da afirmação intemporal das qualidades básicas de estar no mundo, que se inaugura na convivência familiar. Bondade e perdão - que podem ser uma referência estranha em algum contexto sectário - mas que nada possuem de místico e religioso, porque, parafraseando Boaventura Sousa Santos⁴, nada mais dizem do que “*nosso desejo de harmonia e comunhão com*

⁴ SANTOS, Boaventura Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.